

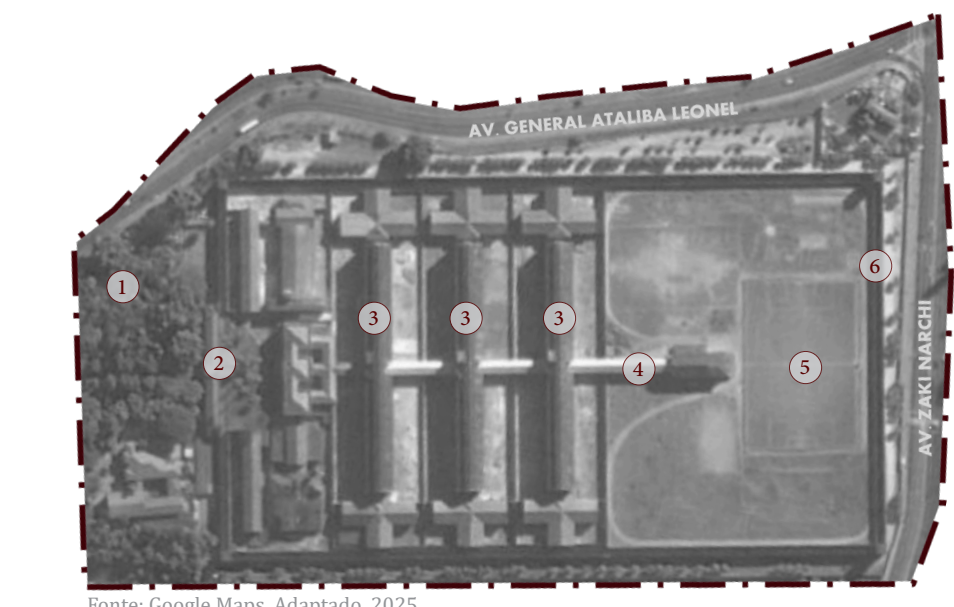
A MULHER E O AVESSO DO CÁRCERE

uma leitura heterotópica do patrimônio

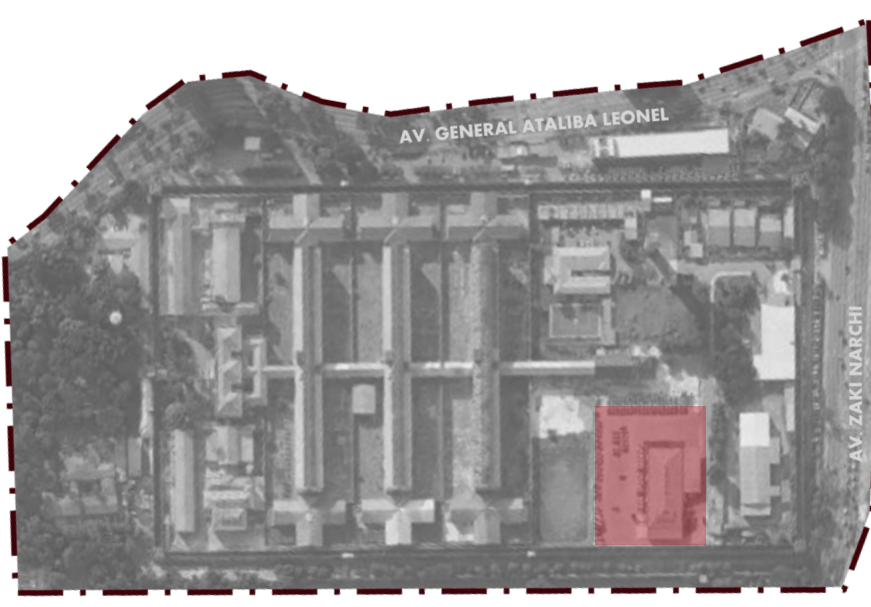
CONTEXTUALIZAÇÃO

O encarceramento feminino no Brasil revela um sistema penal que se expande de forma punitiva, desigual e estruturalmente insensível às especificidades das mulheres, especialmente das que são mães. Embora o país possua a 3ª maior população carcerária feminina do mundo, e embora a legislação assegure a gestantes e mães de crianças pequenas o direito à prisão domiciliar, milhares seguem atrás das grades. Entre elas:

- 196**
MULHERES
GESTANTES
SENAPPEN, 2024
- 108**
MULHERES
LACTANTES
SENAPPEN, 2024
- 120**
CRIANÇAS NO
SISTEMA PRISIONAL
SENAPPEN, 2024



Fonte: Google Maps. Adaptado, 2025



Fonte: Google Maps. Adaptado, 2025

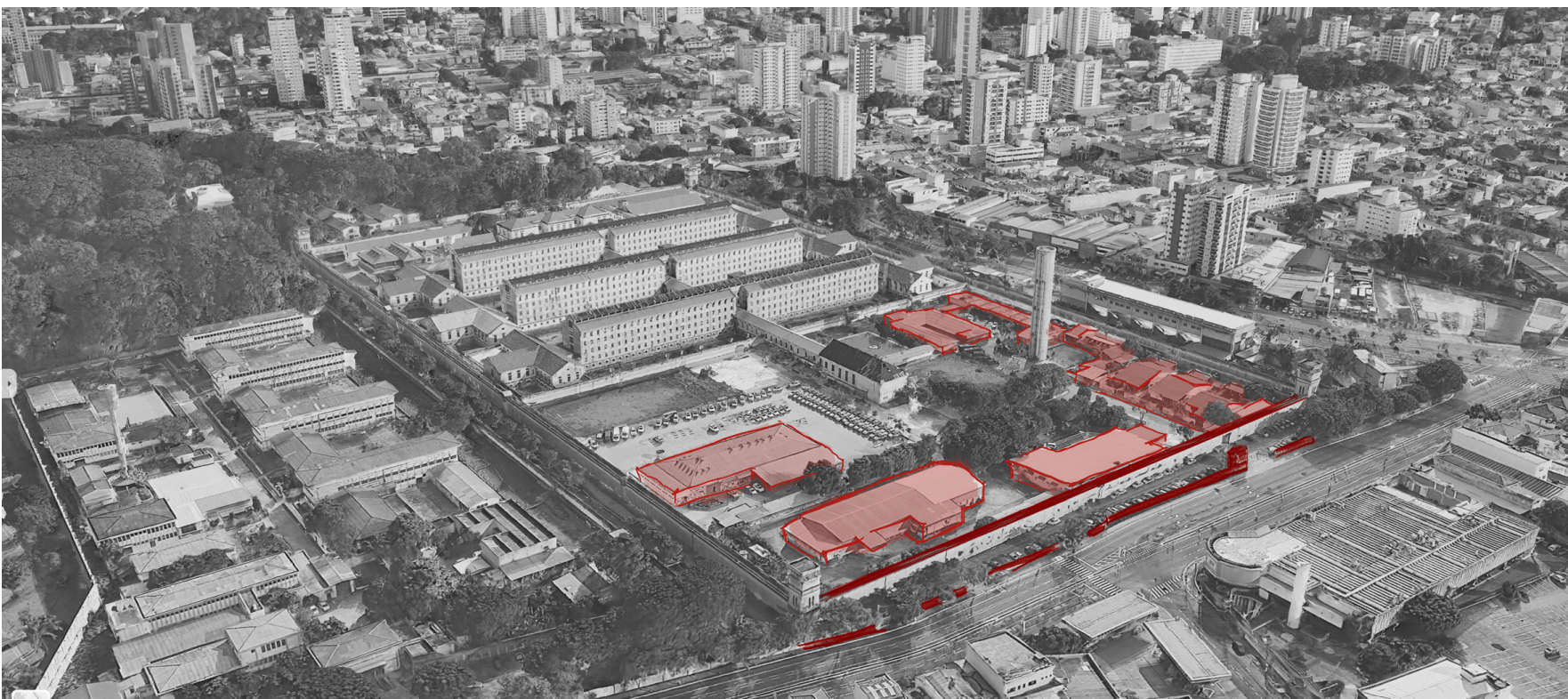
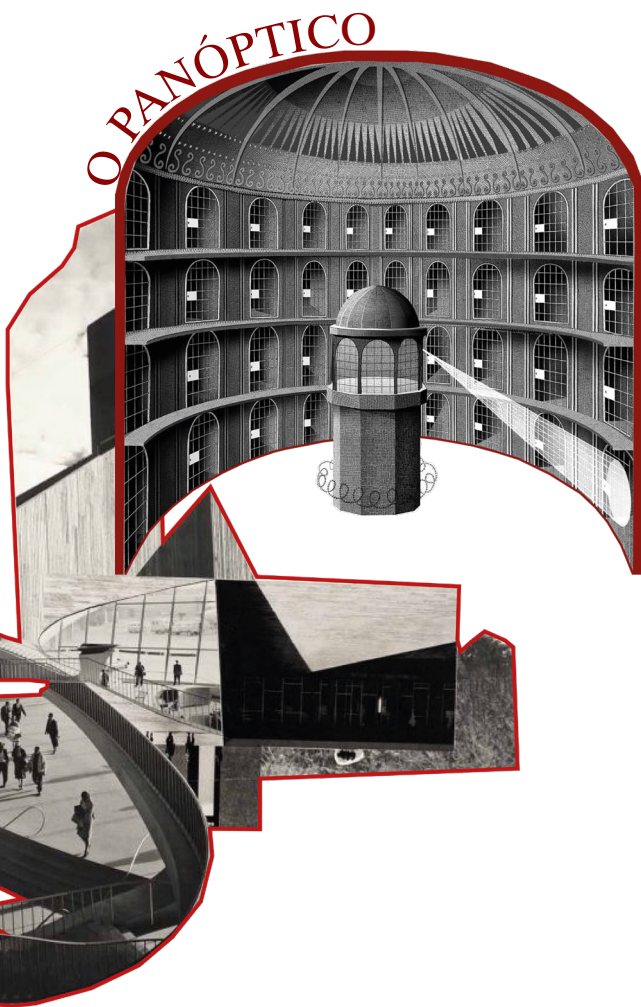


Fonte: Google Maps. Adaptado, 2025

ESPAÇOS OUTROS

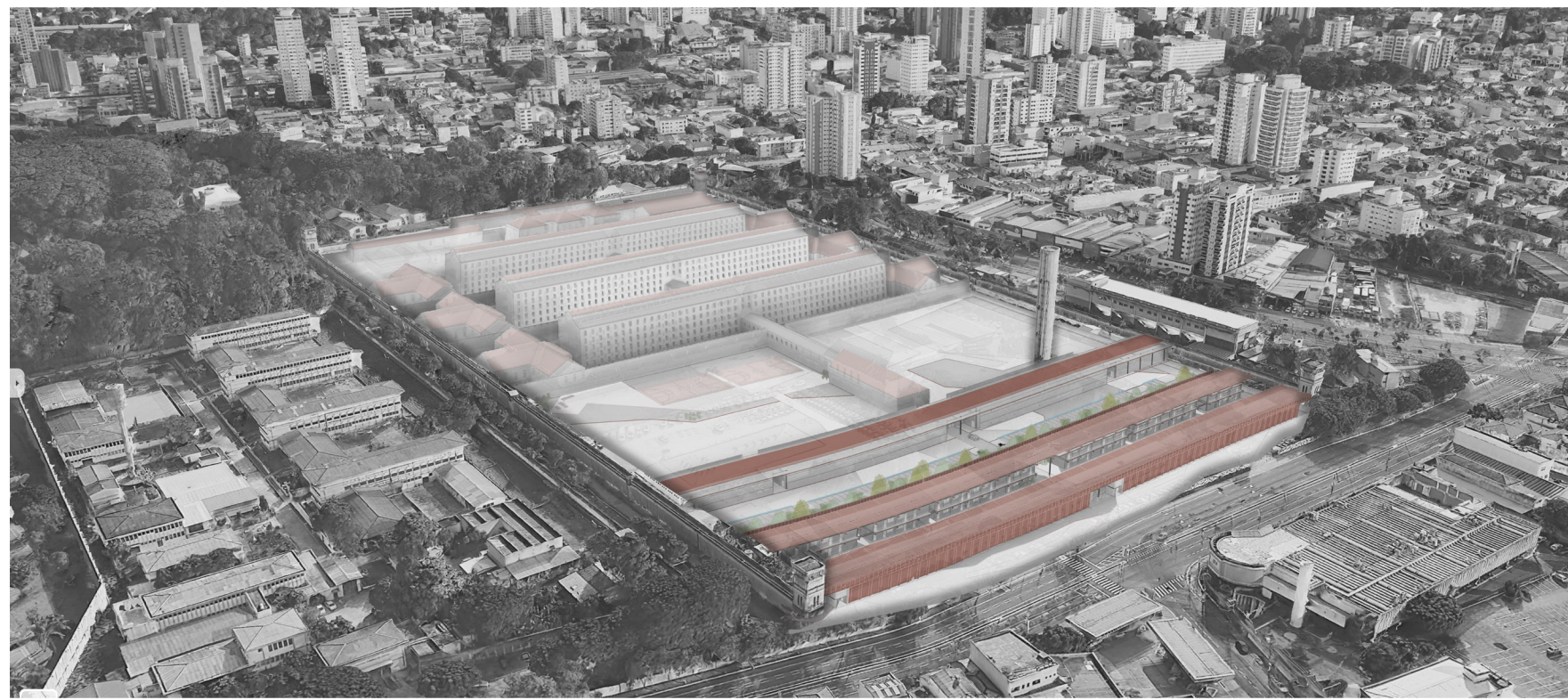
O projeto parte da leitura da prisão como heterotopia do desvio (Foucault), espaço destinado à contenção e normatização dos corpos, e como dispositivo panóptico, organizado para vigiar e disciplinar. A intervenção propõe inverter essa lógica: transformar o território de punição em heterotopia do cuidado, um espaço de transição que articula restauração, memória e acolhimento.

As novas lâminas habitacionais reinterpretam a linearidade dos pavilhões originais, enquanto o muro deixa de ser limite para tornar-se suporte e espaço habitável, conduzindo a mulher do regime fechado ao domicílio, e do domicílio à cidade.



Implantação atual
foto: Google Maps, 2025. Adaptado

■ itens removidos ■ programa realocado



Implantação proposta
foto: Google Maps, 2025. Adaptado

O LUGAR COMO TESTEMUNHA

Complexo do carandiru, Santana, Zona norte de São Paulo



A Penitenciária Feminina de Santana integra o que restou do antigo *Complexo Penitenciário do Carandiru*. Erguida inicialmente nos anos 1920 e concluída sob influência de Ramos de Azevedo, sua implantação seguia o paradigma disciplinar da época: pavilhões isolados, pátios murados e uma organização rígida.

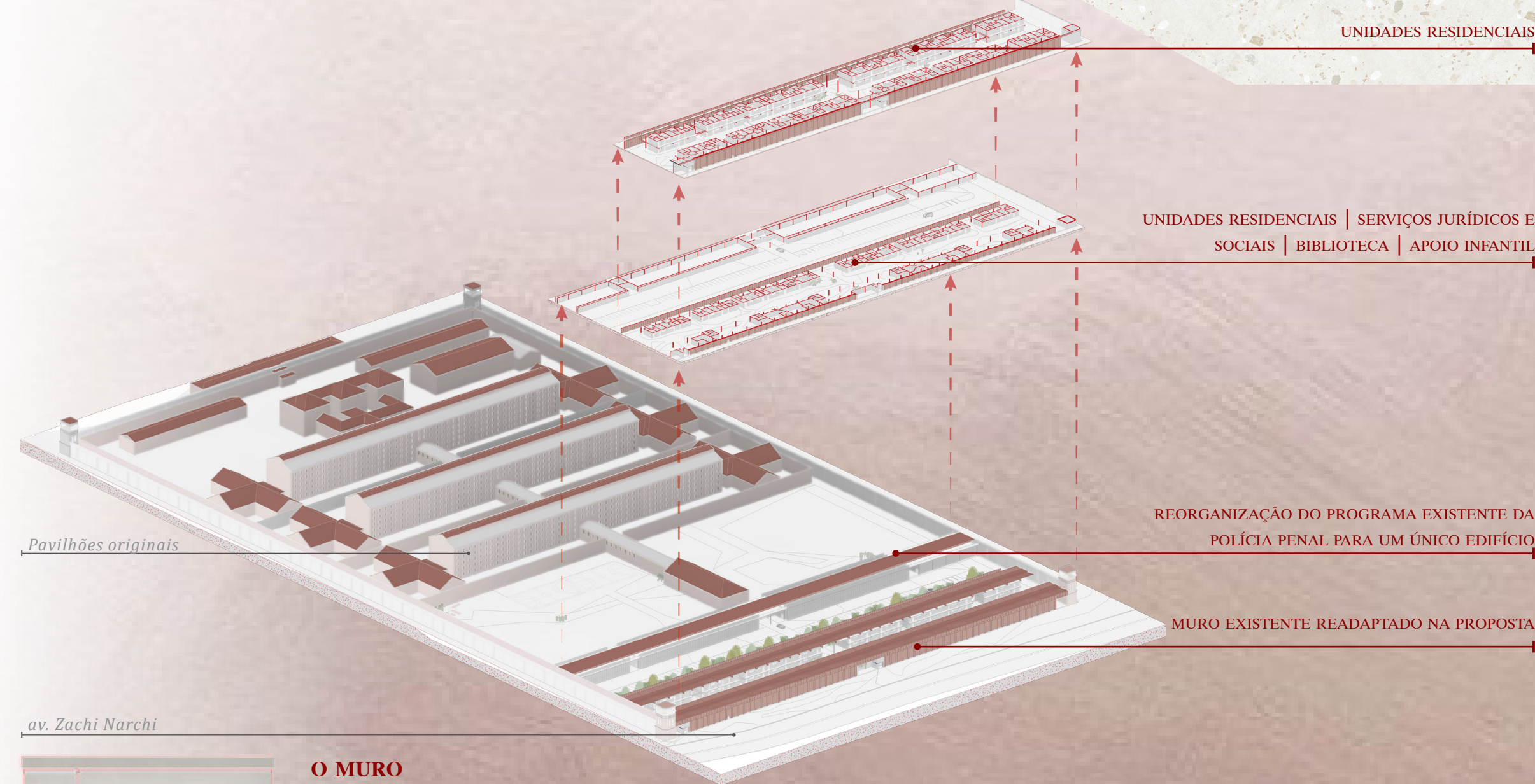
ALTERAÇÕES DA IMPLANTAÇÃO AO LONGO DAS DÉCADAS

- 1 PORTARIA - ACESSO PRINCIPAL
 - 2 ADMINISTRATIVO
 - 3 PAVILHÕES
 - 4 EIXO CENTRAL
 - 5 PÁTIO
 - 6 MURALHA / TORRES DE CONTROLE
- anexos da polícia penal acrescentados ao longo dos anos



A implantação reorganiza o conjunto ao *reinterpretar a linearidade dos pavilhões existentes*. Três novas lâminas ocupam o traçado do muro original: duas de habitação e uma destinada à polícia penal. Ao recuar o muro e transformá-lo em fachada, a intervenção cria uma transição entre interior e exterior, preservando a memória do limite, mas ressignificando sua função.

A transição entre regime fechado, semiaberto e domicílio é representada no desenho do solo: da geometria rígida dos pavilhões ao traçado orgânico das áreas externas. A liberdade começa a se manifestar no piso, que ultrapassa o muro e se estende até a calçada, materializando o percurso simbólico do projeto.



av. Zachi Narchi

O MURO

O muro, antes limite absoluto do cárcere, torna-se no projeto o ponto inicial de transformação. Em vez de reforçar a lógica de isolamento, ele é reinterpretado como estrutura ativa: guarda a memória disciplinar, mas assume novos papéis ao acolher as lâminas habitacionais e reorganizar os fluxos do conjunto.

Ao recuperar seu traçado e incorporá-lo à intervenção, o muro passa a organizar as transições, marca os gradientes de autonomia e dá forma ao deslocamento simbólico do controle para o cuidado.

Assim, o que antes servia para separar, agora articula.